

Algumas reflexões sobre a fé raciocinada

A busca pelo autodomínio é um consenso no seio de todas as religiões, aquele nobre e dourado: "Conhece-te a ti mesmo" é utilizado com uma certa fartura por diversas pessoas que acreditam na religiosidade enquanto um balsamo para os que vivem nesse caos mundano. Mas será que é nos dado conhecer os meandros do nosso próprio ser? O projeto moderno e o seu esclarecimento até hoje estão em vias de curso, como dizem alguns pensadores, esse livrar os homens das garras da fé é até hoje aclamado por adeptos da fé científica, que admitem que a ciência tudo explica ou explicará, tornando cada vez mais Ciência aquilo que é Religião. Mas, de que fé eles estão falando?

Sabemos que a verdade, antes do iluminismo, estava fundada em um princípio de autoridade, ou seja, o simples fato de estar escrito nas Escrituras Sagradas seria razão suficiente para dizer que algo é verdadeiro e, portanto, deveria ser aceito prontamente. No entanto, com o iluminismo, esse princípio de autoridade, essa verdade revelada passa a ser questionada, teríamos que ter algo fundado conforme a Razão e, nesse sentido, a ciência se tornaria cada vez mais desvinculada da Religião, pois a autoridade da Igreja não deveria mais ser o fundamento de qualquer ciência, deveria haver uma separação radical entre Religião e Ciência, entre fé e razão.

Em meados do século XIX surge o Espiritismo que da tradição iluminista admite a negação do princípio de autoridade da Igreja, mas que ao invés de aceitar a cisão entre Ciência e Religião, pretende deduzir de uma a consequência de outra, o que está explícito em seu Tríplice aspecto, como o filósofo espírita J. Herculano Pires afirma, ele nos diz que Kardec partiu da observação dos fenômenos através de uma pesquisa científica, após isso, analisando esses fenômenos, e utilizando-se da filosofia, deduz daqueles as consequências morais da existência de espíritos após a morte, para no final, fundar a Religião, que teria como base a transformação do ser humano no âmbito moral, além de utilizar-se tanto da filosofia quanto da ciência para justificar aquilo que estava escrito nas Escrituras Sagradas, o que outrora estava delegado ao dogma da Igreja, com o advento do Espiritismo, poderia ser explicado a luz da razão.

Esse tríplice aspecto só poderia ter fundamento se tivéssemos uma outra concepção de fé. Com o Espiritismo temos a negação da oposição entre Fé e Razão - é preciso raciocinar para crer, mas ao mesmo tempo é preciso crer para raciocinar, pois não se quer aqui saber o

que vem primeiro, se é a Fé ou a Razão, mas saber o porquê da necessidade de uma estar para a outra, novamente o filósofo espírita J. Herculano Pires, nos explica *"fé e razão estão implícitas na própria destinação dos seres e a razão se desenvolve, ao mesmo tempo, apoiada na Fé e buscando a Fé. Vice-versa, a Fé serve de apoio à Razão e nela encontra o meio de se desenvolver"*. No âmbito do conhecimento a razão procede da sensibilidade e da intuição, como se a razão tivesse um fim regulador, ela, com as suas categorias, organiza em nosso intelecto o nosso conhecimento, assim como Kant afirma, ou seja, o conhecimento é uma síntese entre o sensível e o nosso intelecto. A Fé está no âmbito do afeto, daquilo que às vezes é inexplicável mas que mesmo assim nos move, a definição de fé de Hermann Hesse diz tudo: *"A fé, como eu a entendo, não é fácil de traduzir em palavras. Talvez possa ser assim expressa: Creio que, apesar do seu absurdo patente, a vida ainda assim tem um sentido; eu me resigno a não poder perceber este sentido com a razão, mas estou pronto a servi-lo, mesmo que para tal tenha que me sacrificar. A voz desse sentido, ouço-a em mim mesmo, nos instantes em que estou completa e verdadeiramente vivo e alerta. O que a vida exige de mim nesses instantes, quero tentar realizar, mesmo indo contra os padrões vigentes e as leis comuns. Ninguém pode ter essa crença sob imposição, nem se forçar a ela. Só se pode vivê-la"*. Nesse caso, além de admitirmos essa fé, como uma força, algo que nos move, ela deve passar pelo crivo regulador da nossa razão, se tornando conhecimento acerca de algo: das ações que são corretas para mim, daquilo que devo acreditar enquanto certo, daquilo que devo fazer para ser feliz, etc; as quais sem o nosso livre-arbítrio não fariam nenhum sentido, portanto, a fé e a razão são para nós, seres humanos, condições existenciais.

A Doutrina Espírita apresenta para nós algumas razões e justificações para acreditarmos nela, e cabe a nossa razão dar a sentença. Se apenas acreditamos sem termos razões suficientes para tal, não estamos aplicando bem a nossa razão e o nosso livre-arbítrio, as palavras de Jesus dizem tudo e o Espiritismo concorda: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará", não estaremos sendo livres apenas acreditando por acreditar, também não podemos acreditar na doutrina fundando-se no princípio de autoridade, pois Kardec mesmo fala, que não importa quem é o Espírito que diz, mas o que ele diz. Sendo assim, a Fé Racionada não é apenas um atributo de quem se diz espírita, ela é uma busca que exige de nós um pouco de filósofo, cientista e uma boa moralidade, ser espírita não é uma condição para se ter uma fé raciocinada, mas a fé raciocinada é uma condição necessária para se ser um bom

espírita... Está posto o desafio, conhece-te a ti mesmo espírita antes que você se torne um estranho de si mesmo.

Marcos Vinicius da Silva Goulart

alguemmeprocure@gmail.com

março de 2007